

# A diáspora em movimento

‘Hoje’, de Jesuton, transita entre soul, afrobeat e MPB em ritual sonoro sobre o tempo presente

Por **Affonso Nunes**

**A**cantora Jesuton gosta de definir sua identidade artística com uma frase de efeito. “Sou diáspora em movimento. Minha voz vive em muitos lugares: Reino Unido, Brasil, Portugal, Colômbia... Sou filha do Atlântico”. Este é exatamente o espírito de “Hoje”, álbum que chegou às plataformas digitais na última sexta-feira (26) portando mensagem urgente de reconexão com o presente e com a própria força interior.

Nascida em Londres, filha de mãe jamaicana e pai nigeriano, e atualmente radicada no Brasil, a artista não se enquadra em nacionalidades específicas, preferindo habitar o espaço fluido da diáspora africana. Essa perspectiva permeia todo o álbum, que reúne colaboradores do Rio à Colômbia, de São Paulo a Angola, construindo pontes sonoras entre ritmos, línguas e espiritualidades distintas.

O processo criativo de “Hoje” reflete essa natureza nômade e orgânica. “Gravamos em várias cidades, em estúdios itinerantes, em momentos imprevisíveis. Ideias surgiram em estrada, pausas, madrugada... Foi visceral. Dormir no estúdio. Acordar com letra nova. Regravar de olhos fechados”, relembra Jesuton.

Com dez faixas que transitam

naturalmente entre soul contemporâneo, afrobeat, afropop, MPB, R&B, rap, jazz e ritmos eletrônicos, o álbum é definido por Jesuton como “um ritual moderno” que convida o ouvinte ao tempo presente com uma mensagem forte. “Acorde para o agora. Reconheça sua força. Desapegue do que te atrasa. E caminhe firme com seu eu mais feroz”, repete a artista.

As colaborações funcionam como encontros potentes: em “Feel Good”, com Slipmami, ancestralidade e presente dançam em harmonia; “Xangô”, com Rincon Sapiência, celebra o orixá através de ritmo, eletrônica e tambores; “Boy Lixo”, featuring Trevo, mistura swing baiano com deboche afiado. “Não se trata apenas de participações. Foram trocas reais, onde cada voz entrou como pilar desse rito”, enfatiza a cantora.



**Jesuton:**  
‘Não foram seis anos para fazer esse disco. Foram seis anos para me tornar a pessoa capaz de fazê-lo’

“Hoje” representa uma jornada pessoal. “Não foram seis anos para fazer esse disco. Foram seis anos para me tornar a pessoa capaz de fazê-lo. As músicas chegaram prontas, mas elas pediam uma versão de mim que ainda não existia”,

diz a cantora, que já conquistou reconhecimento com sua versão de “I’ll Never Love This Way Again”, alcançando 18 milhões de visualizações no YouTube. “Este não é só um álbum. É o som de um processo de tornar-se”, conclui.

## CRÍTICA / DISCO / RECALDO

# A viagem musical pela Amazônia amapaense

Por **Aquiles Rique Reis\***

Hoje trataremos do EP “Recado”, do compositor, cantor, multi-instrumentista e arranjador macapaense Paulo Bastos, mais conhecido como Paulinho Bastos. O álbum é um legítimo grito de alerta para chamar a atenção para as manifestações culturais da Amazônia e de seu povo.

Em “Recado”, Paulinho nos apresenta a vivência ancestral das comunidades negras do Amapá, expressada pela força da dança, do canto e da percussão. O EP traz convidados especiais, como Oneide Bastos, mãe de Paulinho, e sua irmã Patrícia Bastos – a família Bastos não é brinquedo, não, viu? E ainda tem mais: tem Renato Brás, Marcelo Pretto, Sapopemba, Lucina Carvalho e Skipp, reforços de peso para reafirmar a qualidade da música de Paulinho.

E todos se entregaram com fervor aos marabaixos, além dos zouks, batuques e maxixes, gêneros que ele conhece como poucos, músico experiente que é. Quem quiser, é só chegar junto para ouvir o recado que vem lá do Norte. Sacudindo a poeira e dando a volta por cima, o couro come bonito!

Aliás, o título do EP faz referência ao modo como o povo do Amapá usa a palavra “recado”: uma lembrança, uma saudação carregada de boas notícias. Assim, Paulinho nos envia o convite para conhecer a musicalidade do Amapá. Ao repertório.

O marabaixo “Ainda Índio” (Paulo Bastos) vem com caxixis



Divulgação

e pela bela voz da Patrícia Bastos. A gentil “Igarapé” (Paulo Bastos) mostra todo o seu encanto pela voz de Renato Brás, que a divide com Paulinho. Ora recitada, ora cantada por Marcelo Pretto, o marabaixo volta com “Pra Oca” (Paulo

Bastos). Inspirado nas matrizes africanas, “Doce Rainha” (Paulo Bastos e Lucina Carvalho) é a minha favorita – Odoia! –, vindo pelas vozes de Oneide Bastos e da Lucina Carvalho. Já o zouk diz presente em “Recado” (Paulo Bastos), suíngue puro, que conta com a participação do cantor amapaense Skipp. E a tampa fecha com batuque e o maxixe “Eu Vim do Mar” (Paulo Bastos), rolando com a participação do ogã, percussionista e cantor Sapopemba.

Ouçam e comprovem a excelência das músicas e dos arranjos de um cara que tem no sangue a capacidade de criar belezas, enquanto louva sua terra e seu povo. O fres-

cor que brota a cada faixa marca a alma do ouvinte que agradece e louva: salve Paulinho Bastos! Salve o Amapá! Salve o nosso país ainda carente de igualdade social para sua gente! Confira este trabalho de escelência em <https://11nk.dev/Bwa3g>.

### Ficha técnica

Paulo Bastos: produção, arranjos, percussões, teclado, violão e voz; Hian Moreira: captação de áudio, edição baixo, batera e teclado; Fabinho Costa: violões; Bibí Carvalho: sax e flauta transversal; Goreth Bastos, Mary Bucher (lê-se búquer) e Margarete Lazarini: vocais; Luiz Lopez: mixagem e masterização; André Magalhães: mixagem e masterização da Música “Pra Oca”; Skipp: design gráfico e capa; Melissa Bastos: direção de arte.

\*Vocalista do MPB4 e escritor